desdobrar **cidade**
leituras da cidade acervo

O que é um TCC para mim?

O TCC é o momento do curso no qual a aluna ou o aluno tem oportunidade de assumir seus valores integralmente e se lançar em propor algo que realmente quer, mais do que isso, algo que acredita. A carga de um trabalho final diz muito sobre a(o) acadêmica(o) e a escola, pois abrange desde os anseios mais íntimos ate pensamentos partilhados com colegas, professores e parcelas da sociedade civil, bem como o projeto político de educação da faculdade e da universidade. É nesse ponto da graduação que as inquietações afloram mais intensamente, pois é o momento de se encontrar, que consiste em um profundo processo de amadurecimento.

Além disso, acredito no compromisso com a Universidade Pública, PÚBLICA e de qualidade, e que ela possa se refletir em um projeto de cidade, integrando-se cada vez mais a ela. Assumo que sou uma cidadã, um ser coletivo e social, que teve o privilégio de estar em uma instituição pública de ensino superior. Ainda, enquanto mulher, tenho o dever de lutar por uma sociedade que garanta a liberdade de seus indivíduos, livre das estruturas patriarcais e excludentes e dos preconceitos de qualquer natureza.

Acredito na educação como força libertadora, promotora da justiça social e da ampliação de direitos e, mais ainda, acredito na função educadora que a cidade pode ter. É sobre esse alicerce que eu lanço meus esforços.

Por que o Centro de Florianópolis?

Florianópolis foi a cidade que me acolheu em um importante momento de formação profissional e cidadã e o centro, para mim, é uma de suas partes mais encantadoras e expressivas, da qual carrego ótimas lembranças. Assim, a escolha do centro está ligada à carga das minhas experiências afetivas nesse lugar: sinto na ambiência do centro um poder evocador da história de Florianópolis e da minha própria vivência como moradora daqui. E parece que esses dois sentimentos já não se desassociam.

Para mim o centro é a sua alteridade, no que se refere à presença do habitar o lar é permanentemente (des) construído. Assim, as minhas vivências no centro contribuíram parte do meu eu e expandiram o meu respeito e admiração pelo outro, pela diferença. O centro é o lugar para se reconhecer.

Além do lugar da alteridade, o centro é também lugar de memória urbana acumulada e continuamente reescrita: é nas camadas de sua paisagem que repousam tantas afetividades individuais e coletivas. Essa memória afeta, quando reconhecida e tomada por seus objetos, contribui para o sentimento de pertencimento de um indivíduo ou um grupo a essa lugar. Mais uma vez o centro é o lugar para se reconhecer.

A cidade acervo

A cidade é um apanhado de documentos materiais e imaterais: em especial, os núcleos antigos podem ser entendidos e explorados como verdadeiros acervos da evolução da cidade, por serem lugares com maior acúmulo de tempos (SANTOS, 1997). Mais ainda, os centros fundacionais também podem ser considerados acervos vivos, pois os objetos acumulados em seu território são continuamente analizados e reinserindo na vida cotidiana a partir das práticas do lugar, o que os mantém no devir histórico.

Nesse sentido, para este trabalho, a cidade acervo (vivo) é aquela na qual se aprecia a continuidade da vida urbana – se entende por vida urbana aquela que abraça as atividades e camadas populares, principalmente porque estas são marcas dos núcleos antigos das cidades deste país. Mantida essa vocação, fica resguardado um sentido que apenas esses centros fundacionais tem para as suas cidades. Assim, a cidade acervo também europe com uma missão educadora, sendo capaz de ampliar o sentido de cidadania justamente por ser lugar de resistência e de garantia do direito à vida urbana.

Proposta

Desdobrar cidade é um movimento de desapagem da cidade acervo. Esse movimento se realiza no ato de desdobrar elementos e objetos da paisagem – em fotografias – do centro fundacional de Florianópolis, revelando narrativas vinculadas às dobras. Com isto, busco mostrar a paisagem em evolução, cujas transformações – processos de ruptura, atualização, continuidade, resistência – paradoxalmente permitiram a manutenção do sentido do lugar e a sua contínua reinserção no curso do tempo. Busco também mostrar a vida que anima tais paisagens; o urbano rico e complexo sendo desvelado por entre as dobras da cidade acervo.

itinerários

Os recortes, aqui chamados de itinerários, agrupam um conjunto de montagens, que são as dobras. Estas, por sua vez, consistem em conjuntos de montagens da paisagem, nas quais se encontram em camadas elementos extraídos de fotografias de outras épocas, bem como de imagens atuais.

Os recortes escolhidos foram o Largo da Catedral Metropolitana, a Escadaria da Igreja do Rosário e o Largo da Alfândega. A escolha dessas espacialidades se deu por serem lugares que proporcionam as apropriações múltiplas dos indivíduos e grupos que dividem e disputam o espaço do centro de Florianópolis. São os lugares de rituais urbanos, de trocas, e de resistência de grupos, espacialidades que ganham novas cores, cheiros, sons, e texturas a cada vez que se transformam em lugar praticado (DE CERTEAU, 2004). As práticas do espaço correspondem às camadas efêmeras.

Também, nessas espacialidades foram observados importantes aspectos da morfologia natural e urbana: a trama viária, os eixos, as escadarias e os vazios, bem como os enquadramentos da paisagem na qual se aprecia o acúmulo dos tempos. O natural e o construído correspondem às camadas materiais.

A seguir, foram selecionados aspectos que eu busco realçar ou descortinar por entre as 'dobras' de cada itinerário, buscando no que já foi exposto: analisando as camadas efêmeras e as camadas materiais, bem como os processos de ruptura e continuação, que podem ser verificados tanto nas práticas sociais quanto no edificado e no natural. Novamente, quero ressaltar a pertinência do sentido histórico de tais lugares.

Em sentido anti-horário: Largo da Alfândega (1), Largo da Catedral (2) e Escadaria do Rosário (3)

seleção de fotos do acervo da autora.

Largo da Alfândega

Paisagem circundante – as vistas desse ponto da cidade, anteriormente, alcançavam a ponte Hercílio Luz e o Hospital de Caridade. Desde o largo, se apreciava o mar e os morros ao fundo no continente e na própria ilha, o que permitia uma apreensão global da Florianópolis antiga.

Espaço de troca e de cruzamento de itinerários – as feiras semanais, assim como as que acontecem pontualmente, como a feira do livro, ocupam o largo cotidianamente. Esse espaço também se conforma como uma das 'entradas' das pessoas que transitam do terminal para o centro, o que o configura como um lugar de intensa ocupação e passagem. Essa dinâmica se apresenta daquela do período portuário: comércio e fluxos de pessoas e mercadorias.

Largo da Catedral Metropolitana

Paisagem circundante – no eixo da rua Fernando Machado, é possível observar a silhueta do morro, bem como a sua ocupação. No eixo do mar, se alinham as praças Oliveira Pereira e XV de Novembro, sendo que nesta se aprecia o casario colonialista no lado leste, o Palácio Cruz e Souza no lado oeste, além de algumas edificações que se destacam no contexto da modernização da cidade.

Topografia – o desnível permite que a igreja se destaque no eixo da praça XV em direção ao mar, sendo ela um marco espacial visível de vários pontos do centro (agora não mais tanto). O desnível também coloca o conjunto escadaria e largo como um anfiteatro.

Espaço do ritual – ali, tradicionalmente, acontece o carnaval de rua, a maratona cultural, a virada social, os desfiles de 7 de setembro entre outros eventos da cidade, bem como apropriações de grupos menores, como a capoeira, ou de indivíduos que tomam o lugar para se apresentarem. A praça e o largo da igreja na eidade antiga se caracterizavam como espaços cívicos e de lazer, onde as pessoas gostavam de ver e de serem vistas. Em Florianópolis se destaca nos relatos antigos o conflito de grupos sociais nesses lugares.

Escadaria do Rosário

Topografia – nas escadarias, o relevo do centro é apreciado pelo corpo e os degraus permitem a apropriação do espaço pelos seus usuários. O desnível proporciona um cíno cênico, no qual, de um lado se destaca a igreja e do outro o mar (agora, o aterro).

Resistência negra – apropriações como a roda de samba e a feira afro artesanal remunciam a escadaria (esta igreja se chama Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos): como lugar próprio da negritude em Florianópolis.

PRAÇA XV DE NOVEMBRO
PRAÇA
NOVEMBRO
LARGO DA ALFÂNDEGA
LARGO DA CATEDRAL
R. CONSELHEIRO MAFRA
R. CONSELHEIRO DIAS VELLOSO
R. DOS VIDAIS
R. VIDAL RAMOS
R. MARECHAL GUILHERME
R. ARCIPRESTE PAIVA
R. PADRE MIGUELINO
R. TRAJANO
R. ANITA GARIBALDI
R. ALVARO DE CARVALHO
R. FELIPE SCHMIDT
R. TENENTE SILVEIRA
R. TIRADENTES
R. JOÃO PINTO
R. DEODORO
R. ANDRADAS
R. ALMIRANTE LAMEGO
R. HERCILIO LUZ
R. BOCAIUVA
R. DEODORO
R. ALMIRANTE LAMEGO
R. ANDRADAS
R. HERCILIO LUZ
R. BOCAIUVA
R. ARCIPRESTE PAIVA
R. PADRE MIGUELINO
R. DOS VIDAIS
R. VIDAL RAMOS
R. TRAJANO
R. ANITA GARIBALDI
R. ALVARO DE CARVALHO
R. FELIPE SCHMIDT
R. TENENTE SILVEIRA
R. TIRADENTES
R. JOÃO PINTO
R. ANDRADAS
R. ALMIRANTE LAMEGO
R. HERCILIO LUZ
R. BOCAIUVA
R. DEODORO
R. ALMIRANTE LAMEGO
R. ANDRADAS